

MACHADO, BORGES E SEUS IMORTAIS¹

Angela Gutiérrez (Universidade Federal do Ceará)

RESUMO

Duas ficções, distanciadas no tempo, separadas por 60 anos em suas datas de publicação, aproximam, no entanto, dois grandes escritores da América Latina, Machado e Borges: os contos de título homônimo – “O imortal” – que se desenvolvem como alegorias da imortalidade e tocam a questão da imortalidade da obra literária e de seus autores.

Palavras-chave: Machado. Borges. O imortal. Alegoria. América Latina.

RESUMEN

Dos ficciones, aunque alejadas en el tiempo, separadas por 60 años en las fechas de sus publicaciones, acercan, sin embargo, dos grandes escritores de Latinoamérica, Machado y Borges: los cuentos de título homónimo – “El inmortal” – que se desarrollan como alegorías de la inmortalidad y rozan la cuestión de la inmortalidad de la obra literaria y de sus autores.

Palabras-llave: Machado. Borges. El inmortal. Alegoria. Latinoamérica.

Alguns ensaístas e críticos brasileiros vêm encontrando pontos de convergência entre os chamados bruxos da literatura do continente latino-americano: Machado e Borges. Exemplifico com Leyla Perrone-Moisés, quando analisa, em breve, mas percuciente artigo, a questão do nacionalismo em textos teóricos dos dois escritores, centrando-se em **Instinto de nacionalidade**, de 1873, de Machado, e em **El escritor argentino y la tradición**, de 1956, de Borges (2001, p.101-114), e com Regina Zilberman, em artigo publicado na **Revista de Literatura Comparada** (1996, p. 107-120), em que salienta o papel do leitor na construção da obra narrativa de Machado e Borges.

O encontro de Borges e Machado que ora lhes apresento, apesar de

¹ A partir de conferência pronunciada na Academia Cearense de Letras, em 2005 – Machado, Borges e a alegoria da imortalidade - no Ciclo de Conferências Panorama da Literatura Universal, pela acadêmica Prof^ª Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez

espantoso em suas coincidências, é, até onde tenho conhecimento, inédito na bibliografia crítica sobre os dois autores. Conto-lhes, inicialmente, a história desse encontro. Nos últimos anos do século XX, um jornal pediu-me que escrevesse texto sobre as perspectivas de permanência de Machado no novo milênio que se avizinhava. Na ocasião, ao folhear textos machadianos em busca de epígrafe que antecipasse o tema da imortalidade literária do escritor, deparei-me com o conto “O imortal”, publicado, originalmente, no periódico **A Estação**, de 15 de julho a 15 de setembro de 1882, pelo já maduro Machado. Não tendo sido incluído pelo autor em coletâneas, participa, no entanto, de **Outros contos** (1971), na edição póstuma das obras de Machado de Assis pela Aguilar, organizada por Afranio Coutinho, passados cinquenta anos da morte do escritor. Se me intrigou o título, pois conhecia conto de Borges com igual nome, mais surpresa causou-me verificar, após sua leitura, que o tema e mesmo os principais lances e linhas do enredo eram muito semelhantes aos do conto do escritor argentino.

Ao reler o texto de Borges, as semelhanças se confirmaram o que, brevemente relatei, em artigo publicado em 98, **n’O Povo**, com o título de “Machado (imortal?) no terceiro milênio” e que, aqui, desenvolvo mais longamente.

Quando Borges nasce, em 1899, Machado, com 60 anos de idade, já era reconhecido como a grande glória literária nacional, presidindo a Academia Brasileira de Letras, desde sua fundação em 1897. Em 1881, publicara a obra que seria um marco na nossa literatura e um divisor de águas na sua carreira – **Memórias Póstumas de Brás Cubas**; no ano seguinte, em 1882, saíra à luz sua amadurecida coletânea de contos, **Papéis avulsos**; em 1891, lançara o romance **Quincas Borba**; em 1896, a coletânea **Várias histórias** e, no mesmo ano de 1899, em que Borges vinha ao mundo, Machado publicava sua obra prima, **Dom Casmurro**, além de **Páginas recolhidas** (que abriga os antológicos contos “O caso da vara”, “O dicionário”, “Missa do Galo”, além da famosa crônica sobre Antônio Conselheiro, “Canção de Piratas”).

Aos cinquenta anos de idade, em 1949, também senhor de sua pena, Borges lança a coletânea **El Aleph**, que se inicia com o conto “El inmortal”, tendo publicado, anteriormente, entre outras coletâneas de narrativas, **Historia universal de la infamia** (1935) **Historia de la eternidad** (1936), **Ficciones** (1944).

Preliminarmente ao estudo comparativo dos dois contos, “O imortal” de Machado e o de Borges, devo salientar três pontos: em primeiro lugar, que ,

apesar de o conto de Machado ter sido publicado quase sessenta anos antes do conto de igual nome de Borges, não creio que o autor argentino o tenha lido. Nascido no final do século XIX, Borges lia, preferencialmente, a literatura europeia e a argentina. Em entrevistas concedidas durante suas curtas viagens ao Brasil, revelava pouca intimidade com nossa literatura. Reconhecia a grandeza épica de **Os sertões** de Euclides da Cunha: “[...] tenho lembranças pessoais de **Os sertões**, caatingas que nem vi. Mas as imagens dos livros se transformam, com o tempo, em imagens pessoais” (CHACHELERO; HOSIASSEN, 1984, p.127); sabia de cor os famosos versos de “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. Da literatura portuguesa, encantavam-no Camões, mais especificamente **Os Lusíadas**, e Fernando Pessoa. Muito dificilmente conheceria o conto “O imortal” de Machado, texto que, à época da publicação d’“O imortal” de Borges, repousava apenas nas páginas de velhos jornais quase inacessíveis.

Em segundo lugar, que se Borges lera ou não o conto de Machado antes da escrita de seu conto “El inmortal” é questão secundária, pois, ainda que conhecesse o conto, seu texto é absolutamente original dentro de sua concepção literária que, como enfatiza, Eneida de Souza, baseia-se na idéia de que: “Dessa profusão de textos já existentes na biblioteca do universo, o que resta fazer é reciclar, bricolhar e criar novos arranjos e outras séries combinatórias de sentido, pelo emprego da astúcia e do estranhamento” (SOUZA, 2001, p. 223).

Em terceiro lugar, ressalto que, mesmo escrito na fase de ouro da carreira machadiana, **O imortal** é um texto curioso, mas não alcança o esplendor literário de outros contos de Machado, como os de **Papéis avulsos**, entre eles, “O alienista” e “Teoria do medalhão”, do mesmo ano de “O imortal”. Por outro lado, “El inmortal”, de Borges, abre uma das mais apreciadas coletâneas de Borges, **El Aleph** e pode ser considerado um de seus textos primordiais. Estabelecidas tais ressalvas, convoquei, para iniciar essas breves reflexões sobre o encontro entre a ficção de Machado e a de Borges em torno do tema da imortalidade, um trecho do conto “O imortal” de Machado:

- A alma de meu pai chegara a um grau de profunda melancolia. Nada o contentava; nem o sabor da glória, nem o sabor do perigo, nem o do amor. [...] Um dia, dizendo-lhe eu que não compreendia tamanha tristeza, quando eu daria a alma ao diabo para ter a vida eterna, meu pai [...] respondeu que eu não sabia o que dizia; que a vida eterna afigurava-se-me excelente, justamente porque a minha era limitada e curta; em verdade, era o mais atroz dos suplícios (ASSIS, 1971, v. III, p.899).

Nesse conto, o narrador do caso, médico homeopata, expõe a história de seu pai que, nascido em 1600, somente pôde morrer nos meados do século XIX. Quando jovem, bebera o elixir da imortalidade que lhe fora dado por um chefe indígena. Depois de longa vida aventureira, sentia que “tinha provado de tudo, esgotado tudo; agora era a repetição, a monotonia, sem esperanças sem nada” (ASSIS, 1971, v. III, p. 900). Um dia, porém, ouvindo o filho falar do princípio homeopático *Similia similibus curantur* (o igual com igual se cura), bebe o resto da poção indígena que guardara - “como a primeira metade lhe dera a vida, a segunda dava-lhe a morte”(ASSIS, 1971, v. III, p. 900) - e expira. Alguns ouvintes a quem, em noite de sertão, o narrador contara essa história acreditaram no caso, outros que deles ouviram a história ficaram em dúvida se o contador do caso não quisera fazer propaganda da homeopatia, e ao final de contas, o narrador do conto até imagina se o bom povo que soube da história já não a tenha esquecido.

Ao censurar o desejo de imortalidade do filho, o imortal provisório nos alerta para a precariedade das instituições humanas, fadadas à limitação, à repetição, à desesperança. No século XX, uma alegoria semelhante apresenta-se na obra de Borges, no conto “El inmortal”: o narrador de manuscrito antigo busca a imortalidade que conseguiria ao beber da água de um rio próximo à Cidade dos Imortais. Depois de muitas aventuras, bebe, sem o saber, da água do rio e descobre que os trogloditas que por perto encontra são imortais e um deles que parecia não saber ou poder falar, é Homero. Descobre, ainda, que, se para os mortais:

todo tiene el valor de lo irrecuperable y de lo azaroso [...] entre los Inmortales, en cambio, cada acto (y cada pensamiento) es el eco de otros que en el pasado lo antecedieron, sin principio visible, o el presagio de otros que en el futuro lo repetirán hasta el vértigo. No hay cosa que no está como perdida entre infatigables espejos. (BORGES, 1974, p. 542)

Mais tarde, já desesperando de encontrar a água de outro rio que, pelo princípio da repetição, proporcionaria seu retorno à condição de mortal, também sem o saber, bebe da água de um rio que lhe devolve a mortalidade e o faz reconhecer-se como Homero.

No relato de Borges, mais clara se faz a velada alusão de Machado, à

relação entre o escritor e sua precária e incômoda imortalidade. O narrador, ao reler seu próprio relato, nele encontra inverossimilhanças e termina por compreender que, na realidade, não era o tribuno Flamínio Rufo que julgara ser: “Yo he sido Homero; em breve seré Nadie, como Ulises; em breve, seré todos; estaré muerto”. (BORGES, 1974, p. 544); tradução: “Eu fui Homero; em breve, serei Ninguém, como Ulisses; em breve, serei todos, estarei morto.” (BORGES, 1998, p. 605). Os dois imortais (o homem que se crê Homero, porque repete as palavras de Homero em seu manuscrito, no texto de Borges; e Rui de Leão, no de Machado, que escreveu sobre a Índia, texto posteriormente publicado fraudulentamente em latim e atribuído a um monge, causando a pecha de plagiário ao imortal) cansados da repetitiva vida imortal, anseiam pelo fim de sua própria infinitude. Homero, mito maior do criador verbal, até esquece a maior parte da **Odisséia** que, no entanto, a ele sobrevive.

A obra de Machado, como na amargurada lição do imortal borgeano, parece ter condições de sobreviver longamente (infinitamente?) a seu autor. Concebida com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, v. I, p. 513), duvidava, na voz do defunto autor Brás Cubas, de seu próprio alcance, sugerindo que poderia ter, talvez, cinco leitores. Encaminhando-se, porém, à via da superação dos limites do homem, pela compreensão e crítica desses limites, entre eles os de expressão literária, a obra de Machado tende a encontrar ressonância ainda hoje e no futuro.

As duas alegorias da imortalidade, a de Machado e a de Borges, tocam, porém, em uma angustiante questão que poderá significar a permanência ou não de obras como a desses autores no futuro: a tendência contemporânea e mundial de exaustiva repetição de padrões culturais de pouco valor estético. Em **Altas literaturas** (1998), Leyla Perrone Moisés reflete sobre a literatura na era da globalização (ou da “barbárie globalizada”) lembrando que a

cultura de massa, sobre a qual os artistas modernos depositavam esperanças de renovação de formas e técnicas, de democratização, ampliação e educação do público, tornou-se industrial em escala planetária e, como tal, fornecedora de produtos padronizados segundo uma demanda de baixa qualidade estética, que ela ao mesmo tempo cria e satisfaz (1998, p. 203)

“E agora, José?” (ANDRADE, 1967, p. 130), perguntou Drummond (

à época de ditadura que divisava como duradoura, talvez imorredoura. Sem desânimo, diante do que agora se divide como o perigo de uma prometéica ditadura da mesmice e da mediocridade, acreditemos, também, no cansaço do homem diante da repetição, no seu anseio pelo diferente e pelo enigmático, na sua mania de olhar para as estrelas e, até, de ouvi-las.

No final do século XIX, quando a maior parte da população (alfabetizada) brasileira embarcava, sem reservas, nos importados projetos de modernidade, Machado foi sempre o crítico dessa apressada adesão, assim como o foi da manutenção dos velhos padrões do patriarcalismo colonial e do nacionalismo estreito. E isso se apreende, não através de escritos panfletários, mas através de uma cruel, porém eficiente ironia. Assim como Machado, Borges encontrou na ironia um modo de desvendar a verdade escondida sob os padrões culturais e literários vigentes à sua época.

Comentando a sabedoria dos dois escritores na apreensão do conceito de nacionalidade (e lembremos que os dois foram acusados de revelar pouco caratê nacional por não aderirem a conceitos apertados de nacionalismo), Leyla Perrone salienta:

Enquanto os escritores menores cedem ao provincialismo ou, inversamente, à imitação e à influência, os maiores tecem um intertexto irônico, em que os elementos estrangeiros e os locais produzem uma combinação inédita que engrandece tanto a literatura nacional como a internacional. (1998, p. 113)

Nesse sentido, é bom lembrar algumas palavras do prólogo de Borges à sua coletânea **Atlas**, de 1984, uma espécie de reescrita dos antigos livros de viagens, em que o autor comenta suas descobertas de outras cidades, paragens e civilizações, que empreendeu com Maria Kodama:

Descobrir o desconhecido não é uma especialidade de Simbad, de Érico, o Vermelho, de Copérnico. Não há um único homem que não seja um descobridor. Começa descobrindo o amargo, o salgado, o côncavo, o liso, o áspero, as sete cores do arco-íris e as vinte e tantas letras do alfabeto; passa pelos rostos, pelos mapas, pelos animais e pelos astros, conclui pela dúvida ou pela fé e pela certeza quase absoluta de sua própria ignorância. (1999, p. 455)

Em um dos textos desse livro, “El desierto”, Eneida Maria de Souza (2001, p. 223) descobre uma frase-síntese do “poder transformador da palavra na construção de realidades e de comportamentos”. Eis seu recorte: “A unos trescientos o cuatrocientos metros de la Pirâmide me incliné, tomé un puñado de arena, lo dejé caer silenciosamente un poco más lejos y dije a voz baja: *Estoy modificando el Sahara*”. (A uns trezentos ou quatrocentos metros da Pirâmide, inclinei-me, apanhei um punhado de terra, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais longe e disse em voz baixa: *Estou modificando o Saara*) (BORGES, 1999 p. 500) Assim, Borges, constrói sua obra genial ao saber, de alguma forma, transformar o universo.

Sabemos que Machado foi mais do que o extraordinário contador de histórias; nas entrelinhas de seu discurso, encontra-se, com mais eficácia do que em muitos livros de história, o outro lado da história brasileira do Segundo Império. E esse seu modo de encarar a história, que é hoje percebido com maior clarividência do que em sua contemporaneidade, ainda tem muito a contar aos leitores do terceiro milênio, não só sobre um tempo passado, mas sobre o homem de todos os tempos.

Como seu imortal que “nas horas mais alegres fazia projetos para o século XX e XXIV” (ASSIS, 1971, v. III, p. 899), Machado construiu o texto do futuro porque alicerçado nos desvãos do homem, homem subterrâneo, aquele que está sob as dobras de sua escrita e sob as vestes do homem célebre, da cartomante, do inventor de emplastos, do alienado e do alienista, da mulher de belos braços, do almocreve, da menina dos olhos de cigana oblíqua e dissimulada, do agregado, do administrador interino, dos gêmeos irreconciliáveis, do homem casmurro, do homem anônimo das multidões de hoje e de amanhã.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria MACHADO DE. O imortal. **Outros contos**. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1971. v. II, p.885-900.

ASSIS, Joaquim Maria MACHADO DE. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1971. v.I, p.511-639.

BORGES, Jorge Luis. El inmortal. In: _____. **El Aleph. Obras completas** 1923-1972. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974. p. 533-556.

BORGES, Jorge Luis. O imortal. Trad. Flávio José Cardozo. In: _____. **Obras completas**. [vários tradutores] São Paulo: Globo, 1998. v. I, p. 593-606.

BORGES, Jorge Luis. O deserto. Trad. Sérgio Molina. In: _____. **Atlas. Obras completas** . [vários tradutores] São Paulo: Globo, 1999. v. III, p. 500.

CHACHELERO, Vicente; HOSIASSEN, Laura J. (Apres. e estabelecimento de texto). Borges em São Paulo. **Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v. 45, p. 127, jan./dez. 1984. (número dedicado a Borges)

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. In: _____. **Obra Completa**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967. p.130.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Machado de Assis e Borges: nacionalismo e cor local. In: SCHWARTZ, Jorge. (Org). **Borges no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. p.101-114.

SOUZA, Eneida Maria de. Um estilo, um Aleph. In: SCHWARTZ, Jorge. (Org). **Borges no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. p. 217- 240.

ZILBERMAN, Regina. O leitor, de Machado de Assis a Jorge Luis Borges. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, p.107-120, 1996.